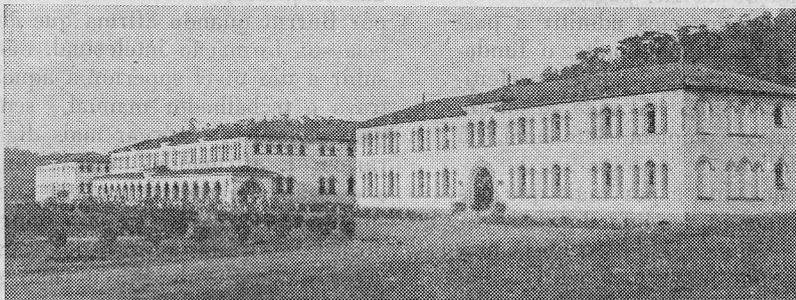


© CULTIVADOR

Diretor:

JOSÉ FARAH



Gerente: H. Rimolo

Secretário: J. R. Uchôa

Redator: M. Jacob

Órgão Informativo, Agrícola e Cultural dos Professores e Funcionários da Escola Agrotécnica do ESPÍRITO SANTO

ANO I — São João de Petrópolis, 1 de Maio de 1948 — N.º 5

AUTO-EDUCAÇÃO

Palestra feita para os alunos em reunião geral

IZIDRO ZARATE

Na minha primeira conversa, numa das nossas reuniões gerais, frisei a importância do amor à Escola. É justo que agora nos ocupemos do amor para conosco mesmo; mas, esse amor para conosco, não deve ser compreendido no sentido egoístico, como costumeiramente acontece, e sim no sentido altruista, isto é, afar-nos a nós mesmo pelo amor que temos aos nossos semelhantes.

Os ideais de auto-educação e de auto-melhoramento, não são outra coisa do que amar o nosso próprio "eu" amando os seres que nos rodeiam.

Auto-educação e auto-melhoramento, significam respectivamente educação e melhoramento de cada indivíduo pelo próprio esforço. Bem sabemos que o tempo que passamos ao lado, dos nossos pais e professores é, relativamente, insignificante para dos lábios deles esperarmos todos os ensinamentos necessários para enfrentarmos com sucesso a difícil batalha da luta pela vida, a que inevitavelmente estamos condenados. Como devemos, então, sanar esta dificuldade? Unindo aos esforços dos nossos educadores o nosso próprio esforço.

Os conhecimentos chegaram a tal estado de desenvolvimento que a mente de um indivíduo torna-se incapaz de abranger todos os ramos do saber humano, mas precisa o homem moderno ter conhecimento do maior número possível de disciplinas. Não podemos, pois, hodiernamente, perder um minuto de tempo. O nosso espírito, igual ao nosso corpo, precisa de alimento, e o alimento do espírito é o conhecimento. Esse conhecimento, do mesmo modo que os alimentos, precisa ser variado a fim de que as excedências de uns corrijam as deficiências dos outros.

Já Platão, um dos grandes filósofos da Grécia antiga, aconselhava a ginástica para a educação do corpo e a música para a educação da alma. Para

completar esta feliz receita, devemos, nós, acrescentar os respectivos alimentos, já que um corpo não nutrido seria incapaz de resistir à ginástica e um espírito não suficientemente ilustrado com conhecimentos, não poderá apreciar a verdadeira música.

Devemos pois, cada um de nós, procurar com toda a força da nossa alma a verdade no conhecimento.

Um meio eficiente, e mesmo indispensável, para todo aquele que vai começar uma auto-educação, é o enriquecimento do seu vocabulário pela leitura e com um bom dicionário ao lado. Não para se transformar num charlatão, abusador da linguagem, acomodador de palavras altissonantes, capazes de impressionarem apenas pelo som; num fazedor de discursos com um conglomerado de belas palavras, em concordância e sintaxe perfeitas, mas completamente vazias de sentido. Isto é um vício e, como todos os vícios, é condenável.

O fim que persigo quando aconselho o enriquecimento do vocabulário é completamente diferente. Pois, o indivíduo possuidor de um vocabulário rico, familiarizado com o significado das palavras, assimilará com facilidade os conhecimentos recebidos dos lábios dos mestres ou das páginas dos livros, e poderá, em dado momento, nas suas relações sociais, transmitir sem dificuldade, as suas idéias e pensamentos aos seus semelhantes.

Há, tanto na auto-educação como na educação dirigida, um momento crítico, na vida de cada indivíduo, em que se acredita ter conhecido tudo, não existindo mais segredo para ser revelado. Quando o indivíduo chega num instante em que acredita ser uma potência, um ser perfeito, é prova que atingiu a fase da mediocridade da sua evolução mental. Devemos ter confiança, fé em nós mesmos, mas nunca devemos nos

(Continua na 2a. pag.)

AUTO-EDUCAÇÃO

(Continuação da 1a. página)

considerar perfeitos; sempre devemos admitir a possibilidade de erros, pois como disse Comte, o fundador da Sociologia, "tudo o que não parece perfeito é imperfeito e mau, pois não há nada absoluto, e em tudo aquilo que parece completamente bom, há sempre um defeito capital".

Por mais que tenhamos lido e por mais que nos pareça que bastante já temos aprendido da vida, devemos pensar sempre que pouco ainda conhecemos, comparado com as coisas que não sabemos. Quando fazemos um balanço do nosso conhecimento, nunca devemos pensar somente nas coisas apreendidas, devemos levar à mente, principalmente, as coisas desconhecidas e, assim, nos sentiremos induzidos a procurar, cada dia, algo novo para a nossa consciência ávida de saber. A melhor maneira de medir a nossa ignorância, é entrar numa rica biblioteca e contar os livros que ainda não temos lido.

Se cada um de nós cuidássemos da nossa educação como cuidamos da nossa alimentação diária, cedo atingiríamos um nível de vida superior ao nosso atual. Principalmente para a nossa classe, a população rural, a auto-educação e auto-melhoramento são uma necessidade imperiosa, para completar a sua cultura e assimilar com facilidade os ensinamentos a ela fornecidos, o que trará como consequência imediata uma transformação completa, para o progresso, da nossa vida rural.

Quicá por um determinismo biológico, os povos, no seu processo de evolução, passa por determinados estágios inevitáveis. É assim como se explica o fato de hoje estarmos passando por uma fase que há um século passou-se em outros povos. Com efeito, existe na literatura referências de que na América do Norte, anos atrás, também arava-se com arado de madeira puxado a boi, quando, lá pelo ano de 1840, começou a campanha da auto-educação que transformou totalmente as práticas e condições de vida das populações rurais, para, no dia de hoje, converter-se a prática agrícola daquele país num modelo da agricultura científica.

No auge da onda da auto-educação surpreendemos a Abraham Lincoln, um dos grandes presidentes que já teve aquele país, e saído do meio rural, fazendo suas contas com pedaços de carvão sobre um pedaço de madeira, à luz trêmula de um fogão. Entre os contemporâneos de Lincoln, a mais notável personificação do ideal de auto-educação foi Elihu Burritt, conhecido pelo apelido de "ferreiro preto", que, com seu livrinho ao dolo da bigorna, estudava longas horas à luz duma vela, após terminado o dia de trabalho. Assim, ele, trabalhando como ferreiro numa cidade, tornou-se, pelo próprio esforço, um perfeito lingüista e estudante de letras, aprendendo todos os idiomas do oeste da Europa e escrevendo uma gramática do Sânscrito, a primeira do país.

Burritt exaltou o mérito do labor manual e escreveu notas impressionantes sobre a dignidade do trabalho mental. Uma atitude interessante e digna de ser imitada por aqueles que estudam agricultura e depois correm para as cidades, procurando o abrigo

das máquinas, abandonando a sua classe, é a tomada por Burritt quando afirma que ele tinha se esforçado pela sua formação intelectual, não como um meio de subir a um nível superior a aquele em que se encontrava o trabalhador manual, senão, pelo contrário, para enobrecer e tornar mais digna a classe dos operários. E afirmando, uma vez mais, o seu caráter e decisão, rejeitou uma bolsa de estudo na Universidade de Harvard, porque compreendeu que isso implicaria num afastamento dos seus ideais.

O interesse de Burritt não se limitou apenas à classe dos ferreiros, sua classe, senão, expandiu-se para os assuntos sociais e humanitários, em geral, devotando-se, ao mesmo tempo, às causas mais amplas com a paz mundial, a liberdade de imigração, etc. Mas compreendendo que nenhuma outra classe se mostrava mais receptiva ao ideal de auto-melhoramento, e precisava mais de educação do que a população rural, empreendeu sua campanha no meio agrícola. E, que coincidência interessante! Fundou-se, para facilitar a ação educativa das populações rurais, um jornal de nome "O CULTIVADOR". Este jornal de um século atrás tinha, com o nosso "O CULTIVADOR" de hoje, não somente uma perfeita identidade de denominação senão também uma completa similitude de objetivo. Com efeito, aquele "O CULTIVADOR" de 1840 desenvolvia uma constante campanha de educação dos lavradores, não somente no que diz respeito à preparação técnica, senão também no que se relaciona com o desenvolvimento moral e intelectual da classe camponesa. Assim foi, como no volume 3 de 1841, aquele jornal trouxe o seu objetivo nos seguintes termos:

"O CULTIVADOR" foi editado para melhorar e elevar a Agricultura do Estado; para dar à moral e ao pensamento do lavrador um caráterístico próprio; para mostrar-lhe a dignidade e a importância da sua profissão; para enriquecer a sua mente com conhecimentos úteis e convencer-lhe que, enquanto todas as outras classes precisam depender umas das outras, em maior ou menor grau, a classe rural é a que mais se aproxima à independência".

Se há algo que possa tornar um homem superior aos seus semelhantes, essa coisa é o conhecimento.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

"O CULTIVADOR", terá grande satisfação em prestar informações e esclarecimentos aos lavradores e criadores espirito-santenses, dos quais espera, também, receber sugestões práticas para solução de problemas que lhes possam interessar direta ou indiretamente.

A Escola Agrotécnica "Espírito Santo" promove todo primeiro domingo de cada mês, uma reunião com os lavradores.

SÊDA ANIMAL

H. Rímolo

(Continuação)

COLHEITA DO CASULO: — O casulo é colhido, depois do bicho ter acabado o tecimento do mesmo. Para verificarmos que o casulo está terminado, cortamos alguns e cientificamo-nos si a larva já se transformou em crisálida. Também se verifica balançando-se o casulo, para saber se o mesmo está completo, o que se conhece pelo chocalhar da crisálida. A colheita é feita de uma só vez, 8 dias depois das primeiras larvas terem subido ao bosque. Para colhermos fazemos o seguinte:

- 1°. Retiramos os casulos dos ramos
- 2°. Limpamos os casulos da bôrra
- 3°. Procedemos a seleção, separando os perfeitos dos duplos, manchados e amassados.

EXPEDIÇÃO DO CASULO: — Após a colheita, os casulos devem ser remetidos o mais depressa possível para as fiações. A expedição é feita em cestos e balaios e em hipótese alguma em caixotes e sacos.

SUFOCAÇÃO DO CASULO: — Na hipótese do produtor morar muito distante dos centros consumidores de casulos êle é obrigado a usar a sufocação dos mesmos para evitar a saída da borboleta o que estragará os casulos para a fiação. Existem várias maneiras de matar a crisálida, mas o modo mais simples é o de vapor, embora, não sendo o mais aconselhado. Êste processo consiste em colocar uma peneira cheia de casulos cobertos por um pano, sôbre um tacho ou caldeira com água fervente, onde recebe o vapor durante 20 a 30 minutos. Temos assim a crisálida morta.

DOENÇAS DO BICHO DA SÊDA: — O bicho da sêda é perseguido por 4 doenças. Tôdas elas podem ser evitadas e em hipótese algumas curáveis.

As doenças são:

- 1°. Atrofia parasitária ou pebrina.
- 2°. Calcinose, conhecida também por calcinação.
- 3°. Poliedria ou amarelidão.
- 4°. Flacidês.

ATROFIA PARASITÁRIA: — É uma doença difícil de ser identificada numa criação de sirgos. As larvas atacadas pelo *Nosema bombycis*, atrofiam-se no seu desenvolvimento, isto é, em vez de crescerem diminuem; caracteriza-se também pelo aparecimento de manchas pretas sôbre o corpo do animal.

CALCINOSE: — A calcinose tem como causa um esporo denominado *Beanveria basiana*. A larva contaminada por êste mal, perde o apetite, torna-se de cor rósea e, depois de morta, toma a aparência de um pedaço de giz.

POLIEDRIA: — Até hoje não se conhece o agente responsável por esta enfermidade da lagarta do bicho da sêda. Os sirgos atacados por esta moléstia, incham demasiadamente e, quando a enfermidade atinge o auge, a pele do bicho se arrebenta, deixando escapar um líquido da côr do casulo que iria produzir.

FLACIDÊS: — Apesar de grandes investigações, feitas em tôda parte do mundo, também não se conhe-

ADUBAÇÃO VERDE

ADUBAÇÃO VERDE

José Farah

Todos nós sabemos que o empobrecimento de nossos solos, tem sido a causa de uma menor produção e que dia a dia êste debacle vai aumentando sem que haja uma forte reação para impedi-la.

Por isso temos que atacar o assunto antes que seja demaciado tarde.

É muito comum ouvir dos lavradores desta região, frases com estas. "As minhas terras são férteis. Moro nelas há vinte ou mais anos e nunca precisaram de qualquer adubo para produzir. Planto milho todos os anos no mesmo lugar e nem a cana após a colheita eu aproveito. Junto tudo e queimo para facilitar o trabalho."

Enganam-se completamente os que assim procedem. O milho pode dar, mas será que a produção compensa os gastos? Haverá lucro?

Como deduzir se num solo que se tira sempre e sempre os elementos indispensáveis à planta sem nunca repô-los, pode produzir economicamente?

A mesma cousa, um reservatório imenso cheio d'água e que dêle só se tira. Vai até certo ponto e depois se esgota. Para utilizá-lo convenientemente é preciso colocar água de vez em quando.

Eis aí uma comparação grosseira que singularmente se enquadra no uso das terras.

Temos necessidade, portanto, de fazer movimentar a nossa consciência para podermos devolver à terra, pelo menos, parte do que dela é retirado pelas culturas.

E como fazer mais fácil e comodamente? Apenas incorporar ao solo plantar verdes, possuidoras de prin-

(Continua na página 4)

ce o agente causador desta doença. A flacidês, como tôdas as outras doenças, ataca o bicho em tôdas as idades. A larva contaminada pela flacidês, fica mole, torna-se escura e, em seguida, arrebenta-se deixando sair um líquido preto muito fétido.

PREVENÇÃO CONTRA AS DOENÇAS: — De um modo geral, os meios para evitar as doenças são: —

- 1°. Os ovos para a criação devem ser de estabelecimentos idôneos.
- 2°. Sirgarias adequadas. (lugar limpo, sêco, etc.)
- 3°. Limpeza absoluta da sirgaria e de todos os materiais utilizados na mesma.
- 4°. Rações fartas, pontuais e sadias.
- 5°. Temperatura controlada.
- 6°. Arejamento perfeito.
- 7°. Espaçamento de 2 metros quadrados por grama de ovos.
- 8°. Desinfecção do local de criação, antes do nascimento do bicho.
- 9°. Ambiente sêco e limpo, etc.

(Continua no próximo número)

ADUBAÇÃO VERDE

(Continuação da pág. 3)

cípios fertilizantes já que o exerceo de curral é difícil de se obter em quantidade suficiente.

Agora, os chamados adubos verdes qualquer lavrador sem gastar tempo ou ocupar maior área (no caso de não poder dispô-la para a rotação, fazer cultura consorciada), pode perfeitamente anexá-los à terra.

Porque se de um lado há algum aumento de trabalho por outro este trabalho além de ser largamente compensado por uma produção multiplicada, mantém o solo melhor conservado e sempre equipado para receber outras culturas.

E isto é bem verdade pois a utilidade da adubação verde está de sobra provada por inúmeros trabalhos de autores, que demonstraram ser possível transformar-se um solo quase estéril em solo da regular fertilidade pelo emprêgo exclusivo dos adubos verdes.

Visto assim, em poucas palavras, a importância de tal prática, passemos a outra consideração qual seja a de esclarecer o modo como o lavrador deve proceder.

O interessado deve antes notar se dispõe de terreno para fazer rotação ou em caso contrário, fazer a cultura consorciada.

As leguminosas (Mucuna, soja, feijão de porco, crotalaria, etc.) são as que geralmente se usam para o fim que propomos.

Cada uma destas plantas possui características interessantes e pode ser empregada indistintamente, porém, tomaremos a Mucuna como a mais comum e a mais adaptável às nossas condições. Além disso, a mucuna reúne as qualidades de grande produção de massa, bom desenvolvimento radicular, rusticidade extraordinária, embora de difícil incorporação.

Se vamos fazer a consorciação com milho por exemplo, a Mucuna deve ser semeada pelo menos 60 dias depois de bem nascido o milho. Este retardamento faz com que ela não prejudique a cultura, influa em muito pouco na colheita e tenha ainda um desenvolvimento muito grande, porque contamos com quatro meses até a colheita do milho e podemos proceder o enterrio um mês depois dela.

Quando o lavrador dispõe de terreno para fazer rotação, a leguminosa então, ocupa-o o ano inteiro e o sucesso é muitíssimo maior.

Senão vejamos as vantagens a favor deste processo. São elas:

- a) "Sendo o terreno ocupado somente pela leguminosa, teremos muito maior produção de matéria orgânica, portanto uma adubação muito mais eficaz.
- b) "Não ficamos a uma época restritiva de cultura; podemos semear a leguminosa desde Outubro até Janeiro e conforme, até Fevereiro (Feijão de Porco).
- c) "A rotação das culturas é mais perfeita e consequentemente seus efeitos são mais sensíveis, principalmente se, com a rotação, temos em vista modificar mais radicalmente o meio, como meio de combater uma moléstia ou um inseto.

A Cultura do Trigo

(Sem revisão técnica)

Por Max. De Cordes Cabêdo

Pegando num jornal do dia 25 p. p. li um artigo estatístico sobre o trigo e sua produção no Brasil, e que vem mostrar o quanto devemos colaborar na sua expansão e cultura de acordo com a campanha lançada pelo Ministério da Agricultura.

A economia de um País depende fortemente da sua capacidade de produção em todos os campos, quer industrial, comercial, ou agrícola; mas a agricultura é de todos os ramos o mais útil à balança econômica, ela só, pode esvaziar ou encher os cofres do Estado; o trigo é das culturas que mais despesas tem dado a vários Países que se têm visto a braços com problemas, tais como na última guerra, que os leva a depender milhões e milhões para não deixarem a fome devastar as suas populações, lançando mão de somas incalculáveis para solucionar um mal que os obriga a contrair outro não menos assustador.

Assim todos os Países hoje reconhecem o valor de trigo na sua balança econômica e tomam medidas e legislam para melhorar a sua estabilidade econômica e independência.

Para vos dar uma idéia mais exata desta verdade vou relatar a vida do trigo em Portugal e a sua evolução, e cujos dados estatísticos dirão algo sobre o assunto.

O trigo cuja origem se perde e cuja pátria mãe se ignora ainda hoje, cresce espontaneamente na Círcia, na Babilônia e na Mesopotâmia; ele foi conhecido de quase todos os povos da antiguidade e para

(Conclue na pág. 5)

- d) "Ao contrário do que acontece na cultura intercalada, não disputa com aquela a que está consorciada, lugar, ar e luz, não a prejudica por esse lado e nem é prejudicada em sua produção".

No caso em questão, uma vez o terreno preparado, devemos semear a Mucuna a lançar preferentemente, logo no começo das chuvas e enterrá-la quando tenha terminado bem o seu crescimento (quando o florescimento estiver iniciado).

O enterrio é feito com uma grade de discos para cortar o melhor possível, depois, passado algum tempo, arar no local, usando de preferência, também, o arado de disco. (No caso do lavrador não dispor destas máquinas, pode o trabalho ser feito com um arado de aiveca).

Uma vez feitas estas operações, ter-se-á o terreno perfeitamente adubado e preparado para ser explorado com sucesso.

Com estas ligeiras considerações, sem aprofundarmos um pouco sequer na parte científica do assunto, supomos ter trazido um pequeno auxílio aos lavradores da região que talvez possam aproveitar alguma coisa delas ou então procurarem ao menos se inteirar dos fatos, a fim de que eles sejam aclarados em benefício da compreensão geral.

00091

A Cultura do Trigo

(Conclusão da pág. 4)

alguns deles ligada à meteorologia como no Egito onde era propriedade da Deusa Isis; teve larga expansão e veio para a Península Ibérica segundo uns pelos Fenícios segundo outros pelos Egípcios, porém pode admitir-se ambas as hipóteses, visto serem ambos os povos que tiveram feitorias na Península; há ainda os que não são nem duma nem doutra opinião e que atribuem a introdução do trigo a éras menos remotas.

Gramínea espontânea, vulgarmente conhecida pelo nome de trigo contém hoje 1 700 variedades distribuídas por 7 espécies pertencentes ao gênero triticum.

Como tôdas as plantas ela apresenta em período avançado do seu desenvolvimento os seguintes órgãos: raízes, coímos, fôlhas e flores donde resultam depois os frutos; as suas raízes são fasciculadas e vão a profundidades variáveis segundo a natureza do terreno. "Ferreira Lapa" encontrou raízes a 1 m e a 1,20 m; isto dá-nos uma idéia de quanto cuidado devemos ter na mobilização do terreno, não devendo em certos casos limitarmos a arar o terreno, mas fazer nele subsolagens para permitir uma maior expansão às raízes do trigo.

Segundo classificação de Vilmorin compreende o gênero triticum as seguintes espécies: — Sativum, turgidum, durum, polonicum, spelta, amyleum e monococum.

Destas 7 espécies se formam dois grupos distintos; o primeiro formado pelas quatro primeiras espécies, caracterizadas pela não aderência dos grãos às glumelas; ao segundo tôdas espécies restantes caracterizadas pela aderência dos grãos.

Em Portugal apenas se cultiva os trigos do primeiro grupo, havendo bastante variedade dêste, assim: —

Ao grupo "sativum" pertencem os trigos Portugêses: — Ribeiro, Mocho, Galêgo, Galêgo-rapado, Barbela, Português, Egípcio e trigo da terra.

O grão dêstes trigos é macio e mole, oferecendo pequena resistência ao esmagamento, dando pela moagem farinha muito branca e mais rica em amido que qualquer outra, o seu tamanho é mediano oval e de coloração amarelada; a espiga deixa ver bem os grãos, graças à disposição das Glumas e Glumelas.

Ao turgidum pertencem as variedades: — Cachudo, Canoco, Pombinho, Alexandre e outros; são trigos mais produtivos e menos exigentes quanto ao clima.

Ao grupo durum pertencem o maior número de trigos cultivados em Portugal tais como: — Candial, Amarelo de barba branca, Javardo, Asa de Corvo, Mourisco, Lobeiro, etc. etc.

Os grãos dêstes trigos são de todos os mais rijos, fornecem farinhas mais triguiras, menos ricas em amido, mas mais ricas em gluten que os outros trigos; amassados dão uma goma elástica sem se partir que volta à forma inicial.

A espiga é piramidal, glabra e munida de barbas duras e compridas de coloração vermelho-arruivado. Na classificação comercial os trigos são: moles

EXPEDIENTE

"O CULTIVADOR" é um órgão de divulgação quinzenal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender as classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica, "Espírito Santo".

São seus colaboradores os professores e funcionários dessa Escola.

"O CULTIVADOR" aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de tôdas as pessoas interessadas no magno problema da produção.

CORRESPONDÊNCIA

Redação do "O CULTIVADOR"
Escola Agrotécnica
São João de Petrópolis
Estado do Espírito Santo.

ou rijos; dos primeiros fazem parte os sativus e turgidos e dos segundos os duros e polônicos.

Para dar-vos uma idéia do valor e expansão cultural do trigo em Portugal, bastam os seguintes dados que melhor do que eu vos elucidarão.

Portugal, País vinhateiro por excelência, importava trigo de diversas proviniências, pois seus terrenos até a bem pouco tempo eram ocupados por vinhedos como aqui no Brasil com o café, mas Portugal é um País pequeno e de esparsos recursos e assim tiveram que se adotar medidas legislativas e leis regulamentando as áreas dos vinhedos sem contudo diminuir o seu valor, antes pelo contrário enriquecendo a qualidade e sua cotação mercantil.

Assim vemos começar a aparecer as estatísticas em 1900 a 1903 avaliando a produção do País em 117 000 000 de quilogramas numa superfície de 232 hectares; rapidamente nos anos que se seguem aparecem 252 000 000 de quilogramas numa superfície cultural de 420 hectares.

Assim continuamos em carreira vertiginosa até ao ano de 1937 e 1938 que nos dá os seguintes números: — produção em 1 000 toneladas 495, área em 1 000 hectares 552; a evolução foi tão rápida que bem se livrou Portugal do mercado estrangeiro do trigo.

Hoje o Ministério da Agricultura do Brasil lança mais uma Campanha da produção de trigo; a ELA, pois Srs. lavradores, pela campanha do trigo pelo Brasil.

Não digam os Srs. Agricultores que opõem resistência passiva, a pior de tôdas, que o trigo requer cuidados e exige terrenos tais e tais, não, nada disso, pois o trigo com os recursos da ciência moderna dá em todo e qualquer terreno; o homem dispõe hoje de meios de corrigir e modificar a composição dos seus terrenos.

Vamos pois semear trigo a bem da economia Nacional pelo Brasil e para o Brasil.

Aconteceu nesta quinzena

Por deliberação do Diretor da Escola, todos os professores dêste educandário se reúnem 2 vezes por mês para discussão de assuntos pedagógicos, a fim de melhor satisfazer as exigências do ensino. A medida tem apresentado resultados satisfatórios.

O dia 21 de abril, consagrado a memória de Tiradentes, foi comemorado condignamente pela Escola, tendo os festejos cívicos sidos encerrados com uma sessão solene, na qual o Diretor da Escola — Dr. Lúcio Ramos, fez uma impolgante conferência alusiva à data.

De Itaguassú, estive em nossa Escola, uma embaixada composta de 30 pessoas, chefiada pelo digno prefeito daquele adiantado município.

Por ter aceito outro cargo, deixou o nosso meio o Dr. Himilcon Costa Carvalho, a quem desejamos muitas felicidades no novo pôsto.

Para desempenhar o cargo de médico da Escola, foi contratado o Dr. Ibrahim Ferreira Badauy.

A êsse competente clínico, "O CULTIVADOR" apresenta os votos de boas vindas e longa estada em nosso meio.

Para coleta de documentação fotográfica destinada a exposição Internacional de Quitandinha, estive nesta Escola uma comissão da Foto Club do Espírito Santo.

Com o objetivo de estudo, estiveram domingo último, em visita a Estação de Fruticultura de Santa Maria os Agrônômos José Farah, Izidro Zárate e os Técnicos José R. Uchôa e Ramiro Monteiro de Sousa.

No próximo número daremos notícias da excursão em apreço.

Sociais

Fizeram anos nesta quinzena:

Os alunos:

Armando Roberto Matielo
Domingos Luiz Nunes
José Augusto Machado
Moacyr José da Cruz

Os meninos:

Maria da Glória Anichini
Adilson Rímolo

O Senhor:

Ernani Santos Campinhos, nosso dedicado colador.

A todos, "O CULTIVADOR" apresenta felicitações.

COLUNA MÉDICA

(Trabalho de Divulgação)

Ibrahim Ferreira Badauy

Nas zonas cultivadas do Brasil, o inimigo mais comum são as cobras, os quais, pegam o homem distraído causando grande número de vítimas. Na fauna brasileira encontramos 7 grupos e 210 espécies. Aquelas que requerem a assistência médica, podemos grupar em duas famílias.

1º. — Grupo dos Elapídeos, vulgarmente conhecido com o nome de corais venenosas e existem 13 espécies diferentes além dêste, existem as corais não venenosas.

2º. — Crotalídeos que é denominado pelo povo sob o nome de cascavel, surucucú, jararaca, orutú, jararacucú, caicaca.

Como é sabido a agressividade é feita através dos dentes, injetando no momento da mordedura a peçonha ou veneno.

Nos cídios encontramos 4 tipos de dentaduras:

1º. — Dentes pequenos recurvados para traz, pontudos, sem sulco para injetar o veneno

2º. — Dois dentes superiores salientes com canal para escoamentos do veneno (cobra coral venenosa).

3º. — Um ou mais dentes chanfrados situados no fundo da bôca, no maxilar superior e devido a sua posição é difícil a inoculação do veneno.

4º. Dentadura formada com 1 ou mais dentes perfurados ligados ao canal excretor do veneno.

A disposição dêstes dentes favorecem a inoculação do veneno.

Além da distribuição dos dentes encontramos outros caractéres que servem de diferenciação das cobras venenosas, como:

a) — Cabeça chata, triangular e bem conformada.

b) — Olhos pequenos com pupila em fenda vertical e fosseta lacrimal entre os olhos e as narinas.

c) — Escamas do corpo alongadas, pontudas, dando ao todo a impressão de aspereza

d) — Cauda curta e afilada.

e) — Quando atacada enrodilha-se para agredir.

f) — Andam de preferência à noite, ou em lugares escuros e com movimento lento.

Os caractéres das cobras não venenosas são:

a) — Cabeça estreita, alongada isto é, da largura do corpo.

b) — Olhos grandes, com pupilas (menina dos olhos vulgarmente chamada) circular.

c) — Escamas achatadas, não são ásperas, ao todo dá impressão de serem lisas e escorregadiças. A cabeça não tem pequenas escamas e sim verdadeiras placas.

d) — Cauda longa, afinando lentamente.

e) — Movimento rápido, andam mais durante o dia.

(Conclue no próximo número)